

PERSPECTIVAS DECOLONIAIS ATRAVÉS DAS NARRATIVAS E IMAGENS DOS POVOS ORIGINÁRIOS: A QUESTÃO DA INTERCULTURALIDADE CRÍTICA

Janete Rosa da Fonseca¹
Adir Casaro Nascimento²

Resumo:

Este artigo é o resultado de uma pesquisa de pós-doutorado que buscou centrar investigações na preservação de identidades culturais numa perspectiva decolonialista. Desenvolver abordagens decoloniais com a interface da interculturalidade crítica, através da interpretação das imagens e narrativas dos povos ancestrais, através dos aspectos éticos e estéticos construídos em diálogos com os povos originários e de como se constitui sua identidade, sua relação com o outro e com seu habitat natural. Juntamente com promover a leitura e discussão de bibliografias que tivessem como temática a Decolonialidade, a interculturalidade crítica, identidade, subalternidade focando preferencialmente em teóricos latino-americanos. Para tal inicialmente foi necessário realizar levantamento de material bibliográfico para constituir uma base de dados acerca da temática proposta. De abordagem qualitativa, caracteriza-se por ser uma pesquisa do tipo explicativa, uma vez que é a que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão o porquê das coisas. Os participantes da pesquisa pertencentes em sua maioria a etnia Terena, responderam a um questionário através do google docs e enviaram imagens que consideravam representativas de sua identidade. Construir uma identidade implica conhecer e distinguir os próprios gostos, preferências, assim como ter conhecimento das suas habilidades, potencialidades e limites, sempre levando em conta a cultura, a sociedade, o ambiente e as pessoas com quem convive. É preciso decolonizar o pensamento, decolonizar o olhar e valorizar conhecimentos outros.

Palavras chave: Decolonialidade; Interculturalidade crítica; Imagens; Narrativas

DECOLONIAL PERSPECTIVES THROUGH THE NARRATIVES AND IMAGES OF ORIGINAL PEOPLES: THE ISSUE OF CRITICAL INTERCULTURALITY

Abstract:

This article is the result of a postdoctoral research that sought to focus investigations on the preservation of cultural identities from a decolonialist perspective. Develop decolonial approaches with the interface of critical interculturality, through the interpretation of images and narratives of ancestral peoples, through the ethical and aesthetic aspects built in dialogues with the original peoples and how their identity, their relationship with the other and with

¹ Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- UFMS/CPAQ. Pós Doutora em Neurociência pela FURG, Pós Doutora em Educação pela UCDB, Doutora em Educação pela UDELMAR/CHILE. janete.fonseca@ufms.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7732-0385> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4564086131381479>

² Doutora em Educação. Professora titular da Universidade Católica Dom Bosco Programa de Pós- Graduação - mestrado e doutorado- em Educação. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação e interculturalidade/CNPq. Supervisora desta Pesquisa de Pós Doutorado em Educação. adir@ucdb.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7488-6022> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1629728652577164>

their natural habitat. Along with promoting the reading and discussion of bibliographies that had Decoloniality as a theme, critical interculturality, identity, subalternity, focusing preferably on Latin American theorists. For this, initially it was necessary to carry out a survey of bibliographic material to constitute a database on the proposed theme. With a qualitative approach, it is characterized by being an explanatory type of research, since it is the one that deepens the knowledge of reality the most, because it explains the reason why things are done. The research participants, mostly belonging to the Terena ethnic group, answered a questionnaire through google docs and sent images that they considered representative of their identity. Building an identity implies knowing and distinguishing one's own tastes, preferences, as well as being aware of one's skills, potential and limits, always taking into account the culture, society, environment and people with whom one lives. It is necessary to decolonize thought, decolonize the look and value other knowledge.

Keywords: Decoloniality; Critical interculturality; Images; narratives

PERSPECTIVAS DECOLONIALES A TRAVÉS DE LAS NARRATIVAS E IMÁGENES DE LOS PUEBLOS ORIGINALES: EL TEMA DE LA INTERCULTURALIDAD CRÍTICA

Resumen:

Este artículo es el resultado de una investigación posdoctoral que buscó centrar las investigaciones en la preservación de las identidades culturales desde una perspectiva decolonialista. Desarrollar enfoques decoloniales con la interfaz de la interculturalidad crítica, a través de la interpretación de imágenes y narrativas de los pueblos ancestrales, a través de los aspectos éticos y estéticos construidos en diálogos con los pueblos originarios y cómo su identidad, su relación con el otro y con su hábitat natural. Junto con promover la lectura y discusión de bibliografías que tuvieran como tema la Decolonialidad, la interculturalidad crítica, la identidad, la subalternidad, centrándose preferentemente en teóricos latinoamericanos. Para ello, inicialmente fue necesario realizar un levantamiento de material bibliográfico para constituir una base de datos sobre el tema propuesto. Con un enfoque cualitativo, se caracteriza por ser un tipo de investigación explicativa, ya que es la que más profundiza en el conocimiento de la realidad, porque explica el por qué se hacen las cosas. Los participantes de la investigación, en su mayoría pertenecientes a la etnia terena, respondieron un cuestionario a través de google docs y enviaron imágenes que consideraban representativas de su identidad. Construir una identidad implica conocer y distinguir los propios gustos, preferencias, así como ser consciente de las propias capacidades, potencialidades y límites, teniendo siempre en cuenta la cultura, la sociedad, el entorno y las personas con las que se convive. Es necesario descolonizar el pensamiento, descolonizar la mirada y valorar otros saberes.

Palabras clave: Decolonialidad; interculturalidad crítica; Imágenes; narrativas

Introdução

Os processos educativos na nossa sociedade são o resultado de anos de colonialismo, isto se pensarmos desde a perspectiva simples de que eles são um construto histórico que tem suas bases cimentadas na ocidentalização que, desde o período conquistador e colonizador, os países menos desenvolvidos sofreram por parte dos países que os submeteram. Como resultado disso, é possível perceber, que até hoje, não existe uma identidade definida que nos caracterize, nem como habitantes de um território específico, nem como possuidores de um acervo cultural específico, pois tudo nos foi emprestado ou imposto. Precisamos ampliar nossos conhecimentos, compreendendo nossas origens, entendendo o outro e a forma como este outro constrói suas interações e sua cultura e as implicações disto na construção de sua identidade. Nossa identidade passa por vários questionamentos. Mas, o que é identidade? A palavra de origem latina – *identitatem* – segundo Bueno (1988) designa: “igualdade entre duas partes, coisas e pessoas”. Essa definição do termo mostra a identidade como algo só identificável em relação a outro que tenha características semelhantes, que seria, preferencialmente, como categoria coletiva.

Construir uma identidade implica conhecer e distinguir os próprios gostos, preferências, assim como ter conhecimento das suas habilidades, competências e limites, sempre levando em conta a cultura, a sociedade, o ambiente e as pessoas com quem convive. Se faz também necessário trazer para discussão o significado de representação quando se fala em identidade, para que possamos entender essa relação, temos que nos ancorar nas contribuições de Woodward (2000), quando esta autora destaca que para que possamos compreender os significados envolvidos nos sistemas, precisamos ter alguma ideia sobre quais posições-de-sujeito eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados.

Esta foi uma das questões, entre tantas que me remeteram a pensar e a elaborar esta pesquisa e submetê-la a aprovação no Programa de Pós-graduação em Educação, Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco- UCDB, situada em Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, estado onde atualmente resido. Mas o que cabe nesse espaço de introdução, é situar a pesquisa em um contexto inicial, objeto, cenário, motivação.

Para tal recorro a Canclini (2013), que nos elucida o conceito de hibridação, que se trata na ótica do autor de processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas que existiam de uma forma separada se combinam para gerar uma nova forma estrutura.

Mas, ainda Canclini (2013), nos fala que esses processos variados de hibridação nos levam a relativizar a noção de identidade, o que acreditamos ser necessário asseverar nesse momento introdutório.

Segundo Quijano (2007), colonialismo e colonialidade são dois conceitos relacionados, porém distintos. Candau (2010), sustenta que a colonialidade do poder criou uma espécie de fetichismo epistêmico, ou seja, a cultura, as ideias e os conhecimentos dos colonialistas aparecem de forma sedutora, que se busca imitar, impondo a colonialidade do saber sobre os não-europeus, evidenciou-se também uma geopolítica do conhecimento, ou seja, o poder, o saber e todas as dimensões da cultura definiam-se a partir de uma lógica de pensamento localizado na Europa. O colonialismo pode ter sucumbido como forma de dominação política/econômica, mas a colonialidade se mantém viva através dos processos educativos que temos perpetuado. Faz-se necessário lutar contra a não existência, a invisibilização, ou a existência dominada. Mignolo (2003) apud Candau (2010) destaca que o pensamento-outro caracterizado como decolonialidade se expressa na diferença colonial, isto é, um reordenamento da geopolítica do conhecimento em duas direções: a crítica da subalternização na perspectiva dos conhecimentos invisibilizados e a emergência do pensamento liminar como uma nova modalidade epistemológica na interseção da tradição ocidental e a diversidade de categorias suprimidas sob o ocidentalismo e o eurocentrismo. Os processos decoloniais são processos contínuos de abrir perspectivas de se pensar desde o local, de se aprender a desaprender para aprender de outro modo.

Nesse sentido, ao tornar visíveis outras formas de pensar e de expressar-se, é possível a construção do pensamento crítico. É a necessidade de “construção de uma noção e visão pedagógica que se projeta muito além dos processos de ensino e de transmissão de saber, ” afirma Walsh (2007, p.9) ao elaborar a noção de pedagogia decolonial. Lugones (2016), destaca que pensar a partir da América Latina, e dos povos ancestrais requer construir teorias que reflitam a partir desse lócus. É a partir do contexto teórico que aqui foi exposto que esta proposta de pesquisa se desenvolveu, buscando centrar investigações e recursos para a preservação de identidades culturais numa perspectiva decolonialista, o que se constituiu na principal abordagem do estudo. Desenvolver abordagens decoloniais com a interface da interculturalidade crítica, através da interpretação de imagens e narrativas dos povos ancestrais, através dos aspectos éticos e estéticos narrados em diálogos com os povos

originários e de como se constitui sua identidade, sua relação com o outro e com seu habitat natural.

Juntamente com promover a leitura e discussão de bibliografias que tivessem como temática a Decolonialidade, a interculturalidade crítica, identidade, subalternidade focando preferencialmente em teóricos latino-americanos. Para tal inicialmente foi necessário realizar levantamento de material bibliográfico para constituir uma base de dados acerca da temática proposta.

Após esse momento inicial, os demais objetivos eram construir um espaço de discussão entre essas principais vertentes, que debatessem a seguinte questão: Qual é a imagem que eu tenho do outro? Esse outro, diferente e por vezes invisibilizado diante do preconceito.

E na sequência, como um dos objetivos da pesquisa, estava a necessidade de publicar os resultados da pesquisa realizada, uma vez que estamos falando da necessária, da premente importância de decolonizarmos nosso pensamento em relação aos nossos povos originários e de passarmos a ver o outro, esse outro diferente com um olhar diferente, não com o olhar do preconceito, que como já dito anteriormente foi perpetuado por um certo fetichismo acadêmico sobre a cultura e as ideias acerca dos conhecimentos outros.

Metodologia

Esta pesquisa se caracterizou, por ser de abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa pode ser considerada como uma tentativa de compreender de forma detalhada os significados e características de uma determinada situação. Segundo Denzil e Lincoln (2006.p.16), “a pesquisa qualitativa é em si mesma, um campo de investigação, ela atravessa disciplinas, campos e temas”. A pesquisa qualitativa é uma atividade situada que localiza o observador no mundo, pois a mesma consiste em um conjunto de práticas materiais que dão visibilidade ao mundo.

Esta consiste em um campo interdisciplinar, transdisciplinar, pois atravessa as humanidades, as ciências sociais e as ciências físicas. Podemos dizer que a pesquisa qualitativa é muitas coisas ao mesmo tempo. É preciso ressaltar que a abordagem qualitativa, não privilegia uma prática metodológica em relação a outra e não costuma ter um conjunto de

métodos e práticas que lhe pertença exclusivamente. Quanto ao tipo de pesquisa, entende-se que esta é uma pesquisa do tipo explicativa, uma vez que como nos esclarece Gil, as pesquisas explicativas

São aquelas que pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente. (GIL,2008, p.28)

Por se tratar de uma pesquisa cujo objetivo geral era o de desenvolver abordagens decoloniais com a interface da interculturalidade crítica, através da interpretação de imagens e narrativas dos povos ancestrais, através dos aspectos éticos e estéticos construídos em diálogos com os povos originários e de como se constitui sua identidade, sua relação com o outro e com seu habitat natural o lócus de pesquisa foi previamente selecionado considerando a necessidade de realizar uma roda de conversa com as lideranças de algumas Aldeias da etnia Terena. Cabe aqui registrar que o Estado de Mato Grosso do Sul possui, segundo a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI/MS), uma população indígena que soma aproximadamente 80.459 habitantes, presentes em 29 municípios. Com relação ao município de Aquidauana, que fica distante da capital do estado, Campo Grande, 130 km, pode-se dizer que

Se considerarmos que a população total segundo o último censo do IBGE do ano de 2010 alcança o total de 45.614 habitantes, e possui uma estimativa para o ano de 2017 de 47.482 habitantes, temos que mais de um quarto da população do Município é representativa da Etnia Terena, com sua população albergada em dez Aldeias, todas elas com uma população representativa desta Etnia, são estas as Aldeias de Colônia Nova, Água Branca, Ipegue, Bananal, Lagoinha, Morrinho, Imbirussu, Limão Verde, Córrego Seco e Burutizinho. (CARMONA,2020, p.13)

Inicialmente pensou-se na Aldeia Mãe Terra, de aproximadamente 265 habitantes de etnia Terena, situada no município de Miranda (MS) e que faz parte da Terra Indígena Cachoeirinha, por já haver desenvolvido projetos de extensão nesta Aldeia no ano de 2019.

“As terras indígenas dos Terena espalham-se pela região que abrange os municípios de Miranda, Aquidauana, Nioaque, Sidrolândia, Dois Irmãos do Buriti, Dourados e Campo Grande, além de estarem nos estados de São Paulo e Mato Grosso” (CARMONA,2020, p.24). E também na Aldeia Limão Verde situada entre os morros Vigia e Amparo, que fica na Serra de Maracaju, a 24 quilômetros da cidade de Aquidauana, Mato Grosso do Sul. Devido a

extensão do tema da pesquisa e da complexidade do assunto, pretendia-se elaborar um questionário composto de 10 (dez) questões abertas para orientar a roda de conversa.

Esta é uma pesquisa oriunda de um estágio pós-doutoral conforme já relatado, que teve seu início, de acordo com o plano de trabalho devidamente aprovado pela Universidade datado para oito de março de dois mil e vinte e um (08/03/21) e o término previsto para o dia primeiro de março de dois mil e vinte e dois (01/03/22). Porém, devido a Pandemia da COVID-19, uma crise que assolou toda a humanidade a partir do ano de 2020, este estágio, só pode ser concluído no ano de 2023 e teve conseqüentemente que sofrer uma mudança metodológica.

[...] para nós que estamos geograficamente situados em um contexto onde pandemia dizimou muitas vidas, cabe aqui destacar que muitos de nossos acadêmicos pertencem a Etnia Terena e que as Aldeias Indígenas foram muito afetadas pela pandemia, apesar das Lideranças destas Aldeias não permitirem o acesso de pessoas de fora durante o período mais intenso do contágio, em uma tentativa de prevenir o avanço da contaminação. (FONSECA, CARMONA, FONSECA, 2021, p. 257)

Durante o período da pandemia, algumas conversas foram realizadas com os Terena que residem nas aldeias indígenas urbanas e não urbanas já mencionadas. Porém, devido ao contexto da crise sanitária que estava sendo vivenciada, ficou decidido que seriam incluídas apenas as questões rigorosamente necessárias para atender aos objetivos da pesquisa.

A amostra não pretendia ser aleatória, pois como nos esclarece Richardson (2012, p.197), “geralmente os formulários são desenvolvidos pelas pessoas mais interessadas em colaborar, portanto a amostra, não é aleatória.” Na sequência foi realizada a caracterização do cenário e dos sujeitos da pesquisa. Com a intenção de através das narrativas construídas pelos participantes da pesquisa, construir um referencial de aspectos éticos e estéticos de perspectiva decolonial, mostrando assim a importância de valorizarmos nossos conhecimentos ancestrais e de como podemos aprender de outras formas, destacando o que é originariamente nosso. Walsh (2007) afirma que a decolonialidade não sugere apenas o reconhecimento das diversas narrativas existentes, mas uma transformação sócia histórica defronte a uma lógica que não conceba a diversidade somente como aditiva e sim constitutiva.

Diante do cenário evidenciado o recurso utilizado foi a criação de um questionário no formulário *google docs* e a criação de um grupo de *WhatsApp*, onde os sujeitos participantes da pesquisa, responderam as questões propostas e enviavam imagens para que assim fosse possível construir o corpus da pesquisa, desenvolvendo importantes e necessárias reflexões.

Resultados e Discussões

Dos participantes da pesquisa, num total de 35 sujeitos, 77,8% se declararam pertencer a etnia Terena, 11,1% a etnia Kadiweu e 11,1% marcaram a opção outros, não se identificando assim com nenhuma das etnias apresentadas no questionário como alternativa. Quanto a faixa etária, 44,4% se situa acima dos 40 anos de idade e 55,6% entre 30 e 40 anos, nenhum participante da pesquisa declarou se encontrar na faixa etária entre 20 e 30 anos, o que nos remete a uma outra perspectiva acerca da maturidade e do período da vida em que estas pessoas começaram a buscar sua formação. Uma vez que devido ao contexto da Pandemia da COVID-19, a pesquisa foi desenvolvida com acadêmicos do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, de etnia Terena, residentes em comunidades Indígenas urbanas e não urbanas.

E quanto ao local onde residem os sujeitos participantes da pesquisa, 77,8% moram em comunidades indígenas rurais, 11,1% em comunidades urbanas e 11,1% não reside em comunidades indígenas. Ao serem questionados sobre a relação que mantém com a natureza, 77,8% dos participantes afirmam que a relação é de respeito e que essa relação é passada de geração em geração e 22,2% destaca a necessidade de que a relação deve ser de harmonia, ser humano/natureza e não de exploração dos recursos naturais.

Quando questionados sobre seus traços e aparência física, demonstraram sentir orgulho da etnia que representam e 88,9% afirmam que sua aparência é uma herança de seus antepassados, enquanto 11,1% dizem que seus traços são elementos genéticos comuns a etnia da qual fazem parte. Sobre sua personalidade, acreditam que sua trajetória e suas experiências de vida foram vitais para a formação de sua personalidade, atingindo um percentual de 55,6%.

Já outros 22,2% atribuem ao entorno familiar, como sendo o principal responsável pelo desenvolvimento de sua personalidade enquanto outros 22,2% enfatizaram a influência do espaço geográfico onde vivem, a família, a comunidade indígena e as experiências de vida somadas a sua trajetória construíram sua personalidade. E como se trata de uma pesquisa que busca nos aproximar de como as identidades são construídas e no que essa construção implica, como já citado, em conhecer e distinguir os próprios gostos, preferências, assim como ter conhecimento das suas habilidades, competências e limites, sempre levando em conta a cultura, a sociedade, o ambiente e as pessoas com quem convive. Se faz também

necessário trazer para discussão o significado de representação quando se fala em identidade, para que possamos entender essa relação, qual a relação dos sujeitos da pesquisa com as cores que gostam de usar e com quais fatores relacionam estas escolhas.

Dos participantes, 33,3% dizem que as questões de índole pessoal exercem influência na escolha, 22,2% afirmam que a vida na comunidade é responsável pela influência na escolha das cores que gostam de usar, já 11,1% afirmam que o entorno geográfico do local onde vivem está muito ligado as suas escolhas e 33,3% alegam que outros fatores podem contribuir para esse fenômeno.

Após a entrevista os sujeitos da pesquisa foram convidados a registrar imagens que tivessem uma “*representatividade*”³ de sua cultura, se sua identidade, independente do que fosse, mas que sentissem que aquela imagem, os representassem, ou representasse sua etnia, sua cultura.

E assim precisamos aprender a ler essas imagens, essas formas culturais fascinantes e sedutivas cujo impacto massivo sobre nossas vidas apenas começamos a compreender. A educação certamente deveria prestar atenção a essa nova cultura, tentando desenvolver uma pedagogia crítica que estivesse preocupada com a leitura de imagens. Um tal esforço seria parte de uma nova pedagogia radical que tentasse ir à raiz de nossa experiência, nosso comportamento e conhecimento e que objetivasse a liberação da dominação e a criação de novos eus, plurais, fortalecidos e mais potentes – ideais característicos tanto da teoria moderna quanto da pós-moderna. (KELLNER, 2003, p.109)

Pensando no que nos propõe Douglas Kellner (2003), na importância de lermos imagens criticamente da liberação da dominação e da criação de novos “eus” passamos a apresentar as imagens que nos foram enviadas pelos sujeitos participantes da pesquisa como sendo uma representação de sua identidade.

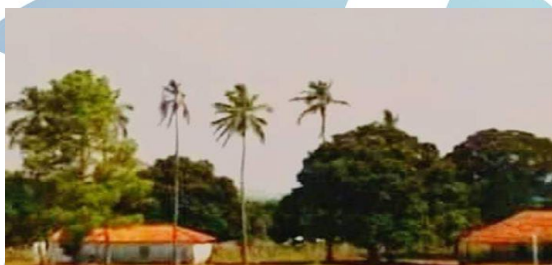
Figura 1: Imagem de acesso a comunidade Indígena

³ Grifo das autoras



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos participantes da pesquisa

Figura 2: Escola na Aldeia Kadiweu - 1992



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos participantes da pesquisa

Figura 3: Paisagens dos morros e serrados da aldeia indígena Limão Verde Aquidauana MS.



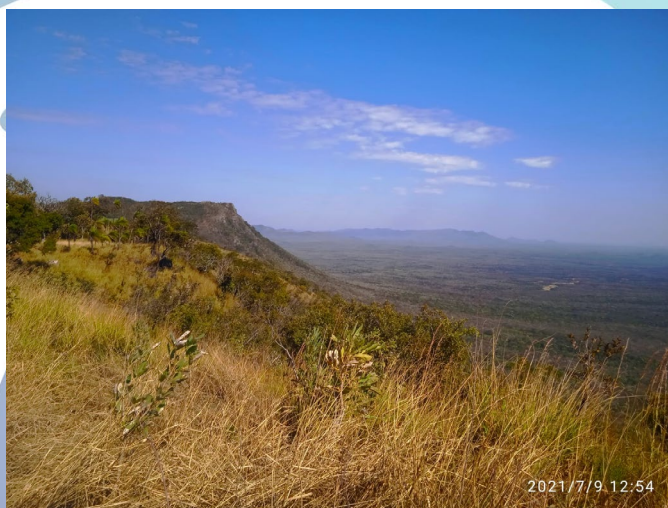
Fonte: Acervo pessoal de participante da pesquisa representante da Etnia Terena

Figura 4: Morro do Amparo- Aldeia Limão Verde



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos participantes da pesquisa

Figura 5: Mirante da Aldeia Alves de Barros – Kadiweu



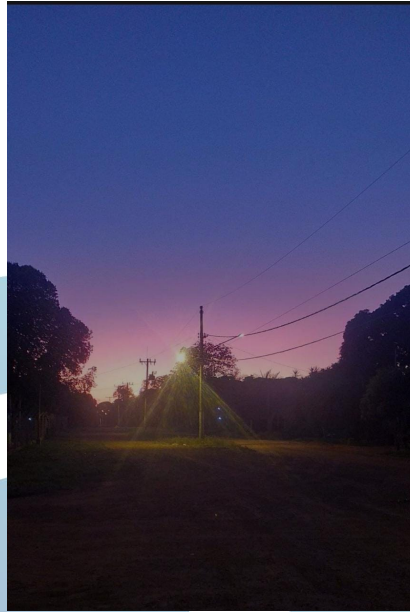
Fonte: Acervo pessoal de participante da pesquisa representante da Etnia Kadiweu

Figura 6: Pôr do sol- Aldeia Limão Verde



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos participantes da pesquisa

Figura 7: Pôr do sol Aldeia Lagoinha



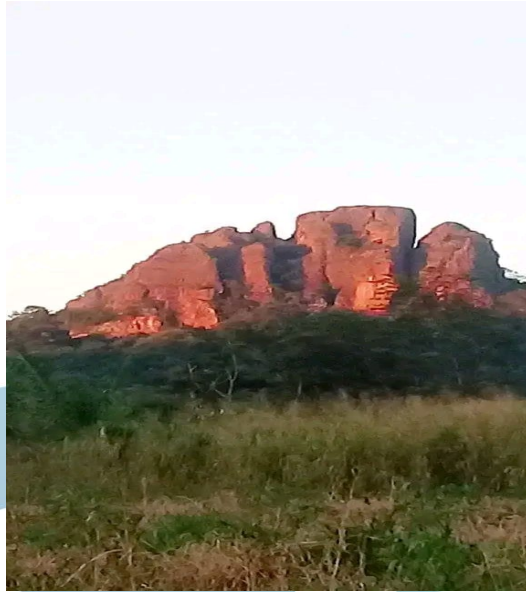
Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos participantes da pesquisa

Figura 8: Aldeia Alves de Barros – Porto Murtinho



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos participantes da pesquisa

Figura 9: Vista de morros da Aldeia Limão Verde



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos participantes da pesquisa

Figura 10: Vista área da comunidade Aldeia Lagoinha



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos participantes da pesquisa

Figura 11: Ipê amarelo – Aldeia Lagoinha



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos participantes da pesquisa

Figura 12:Familia da etnia Terena em visita Fazenda Rio Azul



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos participantes da pesquisa

Figura 13: Kalinovo Terena



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos participantes da pesquisa

Figura 14: Miss Beleza Indígena



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos participantes da pesquisa

Figura 15: Menino Terena



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos participantes da pesquisa

Figura 16: Criança Terena e a paisagem vista do morro da Aldeia Limão Verde



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos participantes da pesquisa

Figura 17: Dança do Bate-pau na Aldeia Lagoinha– Dança masculina da etnia Terena



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos participantes da pesquisa

Figura 18: Dança Sipúterena na Aldeia Lagoinha- Dança Feminina da etnia Terena



Fonte: Acervo pessoal dos sujeitos participantes da pesquisa

As imagens que foram aqui apresentadas foram escolhidas pelos participantes da pesquisa e nos foram enviadas com uma única indicação, de que estes se sentissem de alguma forma representados por elas, sua cultura, seus significados, seus valores. Inicialmente, a proposta era que fossem enviadas imagens da natureza, mas depois da fase do projeto de pós-doutoramento que consistia em realizar levantamento de material bibliográfico e lendo as contribuições de diversos autores entre eles Douglas Kellner (2003), a proposta foi de que os participantes da pesquisa deveriam enviar as imagens que os representassem. Vivemos ainda em um contexto onde existe um dúbio e difícil entendimento do que pode ser considerado cultura e os embates que esse entendimento produz ainda no cenário atual

Os termos do embate cultural, seja através de antagonismo ou afiliação, são produzidos performativamente. A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos preestabelecidos, inscritos na lapide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, e uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. O "direito" de se expressar a partir da periferia do poder e do privilegio autorizados não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição

de se reinscrever através das condições de contingência e contradição que presidem sobre as vidas dos que estão "na minoria". O reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. (BHABHA,1998, p.21)

É preciso entender, respeitar, compreender, aceitar e saber conviver, com a cultura do outro. Esse outro, diferente e por muitas vezes invisibilizado, e que se depara com o preconceito de uma sociedade que ainda acredita há somente um pensamento válido, e que é o que representa aos povos colonizadores e, portanto, civilizados, em detrimento de um conhecimento que deve ser apagado. E aqui me reporto a Walsh (2006), a partir do texto “Notas pedagógicas a partir das brechas decoloniais”, porque é por aí que vamos buscando propor mudanças no pensamento hegemônico, através dessas brechas, que se transformam no lugar e no espaço onde surge um modo outro, de pensar e de viver (WALSH, 2006).

Cevasco (2016), nos diz que a partir da década de 1960, houve uma mudança, uma virada semântica no conceito de cultura, e que nesse novo momento, a cultura passou a ser substituída por culturas no plural. E que não se buscou mais conciliar uma única cultura em comum, mas sim empreender uma disputa por identidades nacionais, étnicas, sexuais ou regionais. Mas nos propomos a ler através das imagens e das narrativas dos participantes da pesquisa perspectivas decoloniais de uma interculturalidade crítica.

Quando buscamos em Walsh (2006) suporte para o conceito de interculturalidade, esta autora nos coloca que existe uma divisão entre a interculturalidade crítica e a interculturalidade funcional. Enquanto a interculturalidade funcional busca promover o diálogo e a tolerância sem tocar nas causas da diferença social e cultural, a interculturalidade crítica é uma construção de e a partir das pessoas que sofreram uma histórica submissão e subalternização. Nesse contexto a interculturalidade é um conceito, é uma aposta que desde os anos 1990 veio apontando a transformação radical das estruturas, das instituições e das relações existentes (WALSH,2006).

Desta forma a interculturalidade crítica tem suas raízes e seus antecedentes não no estado nem na academia, mas nas discussões trazidas pelos movimentos sociais.

A interculturalidade crítica é a que deve ser proposta como ferramenta pedagógica, porque é esta que questiona continuamente a racialização, a subalternização, a inferiorização e seus padrões de poder. Ainda Walsh (2006), nos diz que a interculturalidade crítica visibiliza maneiras diferentes de ser, de saber e viver e busca o desenvolvimento e criação de

compreensões e condições que não só articulam, mas fazem dialogar com as diferenças num marco de legitimidade, igualdade, equidade e respeito e promovem a criação de modos outros de pensar, apreender, ensinar que cruzam as fronteiras disciplinares. O primeiro passo para que isso aconteça é a promoção do diálogo dos saberes. Esperamos que as respostas dos participantes da nossa pesquisa, as imagens que lemos através dos seus olhos nos auxiliem na promoção do estabelecimento desse diálogo.

Considerações finais

Na busca constante por encontrar respostas para questões que permeiam o imaginário de quem pretende decolonizar o próprio pensamento, vão surgindo reflexões sobre, como fazer com que a nossa ancestralidade continue a existir? Como eu vejo o outro? Como eu enxergo a alteridade? Tais questionamentos trazem como elemento indissociável uma dúvida primordial acerca de nós mesmos; quais são os elementos dessa ancestralidade presentes na nossa própria constituição identitária? Pois, ao fim das contas, devem de existir resquícios da presença de indivíduos anteriores a nós na terra que habitamos e que por eles nos foram legados.

Construir uma identidade implica conhecer e distinguir os próprios gostos, preferências, assim como ter conhecimento das suas habilidades, potencialidades e limites, sempre levando em conta a cultura, a sociedade, o ambiente e as pessoas com quem convive. Nossas identidades são, portanto, construídas historicamente como nos referencia (Moita Lopes, 2002), é, portanto, nessa interação entre passado e futuro (essência e transitoriedade), entre culturas diferentes e aspectos sociais e acontecimentos históricos que as identidades vão sendo construídas numa relação constante de causas e efeitos.

Engendrar um pensamento a partir e com a produção de conhecimento plural e pensar a partir de e com o processo de interação social, político, cultural, epistêmico baseado na vida e no movimento significa construir a possibilidade de um espaço e lugar para a dialética, promovendo o pensamento holístico e a assimilação de visões diversas que tendam a promover a interculturalidade. Ao chegar ao no momento das considerações finais, é chegado o momento de esclarecer as motivações da pesquisa, originalmente realizadas na introdução e

propositalmente deixadas no caso dessa pesquisa para o “final”, colocada a palavra entre aspas porque a temática da pesquisa proposta não tem como se esgotar aqui.

Este artigo, como já anteriormente dito, é fruto de uma pesquisa de pós-doutoramento sob a supervisão da Professora Doutora Adir Casaro Nascimento, pesquisadora de longa data dos povos originários do Estado de Mato Grosso do Sul. Enquanto que esta pesquisadora que vos fala, teve o prazer de conhece-los a pouco mais de cinco anos, ao assumir como concursada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul na cidade de Aquidauana e, a partir daí, senti a necessidade de entender com maior propriedade, o espaço social e territorial no qual estou inserida. E nesse momento aprender de fato o que significa a expressão “decolonizar o pensamento”, “decolonizar o olhar”, “valorizar conhecimentos outros”. A troca de conhecimentos reconhecimento e valorização do conhecimento indígena tem me ensinado muito ao longo desses anos.

Os objetivos a que nos propomos eram promover a leitura e discussão de bibliografias que tivessem como temática a Decolonialidade, Interculturalidade crítica, identidade, subalternidade focando em teóricos latino-americanos que tenham essa proposta como eixo, construir um espaço de discussão entre essas principais vertentes, realizar levantamento de material bibliográfico, constituir uma base de dados acerca da temática proposta, sempre levando em conta a perspectiva decolonial e a interculturalidade crítica. Acreditamos que atingimos os objetivos a que nos propomos e deixamos uma questão ainda em aberto para futuras reflexões, qual é a imagem que eu tenho do outro?

Referências

BHABHA, Homi k. **O local da Cultura**. Belo Horizonte, UFMG, 1998.

BUENO, Francisco da Silveira. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1988.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2013.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil**. Educação em Revista. Belo Horizonte, v.26 n.01 p.15-40, abr. 2010.

CARMONA, David Arenas. **A dialética nas relações homem-espaço, a cultura terena e sua inserção no território sul-matogrossense**. Dissertação de Mestrado. 81f. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul- UFMS/CPAQ, 2020.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa**. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FONSECA, Janete Rosa. CARMONA, David Arenas. FONSECA, Priscila Rosa. **A escalada do ere na educação superior ou os riscos de naturalizar a ausência de interação professor –aluno no processo ensino aprendizagem: O medo, a angústia e a criatividade em perspectiva**. IN: SOUSA, Andréia da Silva Quintanilha. DE NEZ, Egeslaine. (Orgs) **História e memórias de docentes e discentes em tempos de pandemia**. – Curitiba: CRV, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo, Editora Atlas, 2008.

KELLNER, Douglas. **Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 2003

MOITA LOPES, L.P da. (Org.). **Identidades fragmentadas: a construção de raça, gênero e sexualidade na sala de aula**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder y clasificación social**. In: CASTROGÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126.

RICHARDSON. Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo, Editora Atlas, 2012.

WALSH, Catherine. **Notas pedagógicas a partir das brechas decoloniais**. In: Candau, Vera Maria (org.). **Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação “outra”?** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver**. In CANDAU, Vera Maria. (Org). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. P. 12 – 42.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.

<https://elopublico.com.br/orgao/secretaria-especial-de-saude-indigena-sesai-dseims-campo-grande> Acesso em outubro de 2022.